



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Fernanda Meireles Mendes*

*Universidade Federal do Maranhão/CCEL*

*[orcid.org/0000-0002-2265-0149](https://orcid.org/0000-0002-2265-0149)*

*fernandameireles21@hotmail.com*

*Dilson César Devides*

*Universidade Federal do Maranhão/CCEL*

*[orcid.org/0000-0001-8237-672X](https://orcid.org/0000-0001-8237-672X)*

*dilson.devides@ufma.br*

## *Tradição e ruptura: elos da memória*

*RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar como se caracteriza a tradição e sua ruptura sob os elos da memória de André no romance *Lavoura Arcaica* (1975), de Raduan Nassar. Nesta obra, a memória se faz presente do início ao fim; por meio dela são revelados os lados opostos (tradição e modernidade) existentes no enredo do romance; destacamos, ainda, que pela rememoração da geração do avô são enaltecidos certos costumes, normas e valores que caracterizam a base da estrutura familiar; elementos que, por sua vez são desvalorizados por André. Para o desenvolvimento deste trabalho, que se configura na metodologia da pesquisa bibliográfica, acionaremos dentre outros, os apontamentos teóricos de Maurice Halbwachs (1900), e Michael Pollak (1989), que fornecerem subsídios de que a memória possui elementos que reforçam ou desconstruem fatos de épocas anteriores; além destes, no que concerne aos aspectos para a análise do romance, trazemos as contribuições de Anatol Rosenfeld (1973) e Norman Friedman (2002). Assim, a partir desse estudo, pudemos perceber que a memória contribui na e para a formação da história da sociedade, sobretudo por ela ser capaz de relacionar passado, presente e futuro. A memória, portanto, fomenta aquilo que para cada um denota cargas significativas.*

*Palavras-chave: Lavoura Arcaica. Tradição. Ruptura. Memória.*

## INTRODUÇÃO



No romance *Lavoura Arcaica* encontramos diferentes gerações; na transposição de uma época a outra, percebemos que muitas concepções de um período anterior ainda permanecem no momento atual. Todavia, percebemos também, que em alguns pontos as concepções sofrem algumas modificações; isso causa a oposição entre os polos da tradição e da modernidade. Assim, temos que a estrutura da família deste romance, aponta para dois galhos: o da direita, que é baseado pelos textos extraídos da Bíblia, do Alcorão, e pelas experiências tidas em épocas passadas, que representam o norteamento da família. E o galho da esquerda, que contraria esta tradição; pois este galho se caracteriza pela revolta, pela desobediência, pelo incesto, pelo exílio, em suma, por objetivos enaltecidos por André, que buscam estabelecer a (des) ordem em tudo o que era repassado nos ensinamentos de Iohána, o patriarca.

Nas relações sociais, vários elementos que constroem nossa cultura, nossas crenças, nossa moral, nossos valores, são permeados por atributos, que dependendo do uso que se faz da memória podem trazer cargas ao mesmo tempo constrói e desconstrói determinados acontecimentos (HALBWACHS, 1990). Em consonância com isto, temos que a memória no romance de Nassar representa um dos meios do desenvolvimento da trajetória conflituosa de André, que mais à frente análise irá detalhar.

Sob a perspectiva comportamental, compreendemos que a memória ajuda com que experiências passadas sirvam de base para gerações do presente e que também podem influenciar as gerações futuras; desse modo, a título de exemplo de como isso pode acontecer, temos que Iohána retoma e sobretudo, faz uso do que serviu de base no processo de sua formação pessoal para mantê-los no convívio com os filhos. Visto por outro modo, são pelas lembranças de André, que tomamos conhecimento do passado e da tradição que ele rompe ao transgredir as normas dessa convivência. Assim, segundo Durkheim apud Pollak (1989), os indicadores da memória coletiva, trazem pontos de referência, mas como eles não são únicos, eles

também podem dividir laços culturais de pertencimento.



Desse modo, considerando a importância da memória para a reconstrução dos fatos sociais, este artigo propõe a análise que evidencia como, por meio da memória se dão os elementos da tradição e sua ruptura no romance *Lavoura Arcaica*. Cumpre destacar, que este trabalho é desenvolvido a partir da metodologia da pesquisa bibliográfica. Assim, tratamos sobre algumas reflexões norteadas, sobretudo pelos aportes teóricos propostos por Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollak (1989), nos quais enfatizam que por meio da recorrência à memória fatos do passado, passam a serem tidos como elementos socioculturais. Além destes, no que concerne aos aspectos para a análise do romance, trazemos as contribuições de Anatol Rosenfeld (1973) e Norman Friedman (2002), já quanto a reflexões críticas sobre o romance, trazemos os apontamentos feitos por Rodrigues (2006), assim como outros.

215

## O FIO DA MEMÓRIA

A configuração da memória na obra de Nassar uma marca imanente. Literalmente ela faz parte da composição da narrativa, pelo fato de que durante todo o texto, o narrador-personagem recorrer a ela para relatar sua história. Além disso, a memória também serve como fundamento para a conservação dos valores socioculturais de uma geração à outra na família de André. Assim, em virtude da importância da memória para com o desenrolar dos fatos no texto de Nassar, optamos por tecer alguns conhecimentos teóricos acerca desta temática antes de iniciarmos propriamente a análise do texto literário.

Em *A Memória Coletiva*, obra que teve sua primeira publicação em 1950, Maurice Halbwachs demonstra que é impossível construir o problema da evocação das lembranças se não tivermos como ponto de orientação os elementos presentes nas relações sociais para a reconstrução da memória; sendo que a memória constitui um dos recursos e maneiras pelas quais restabelecemos nossa própria história. Em conformidade a isso, Rosenfeld, enfatiza que "o homem não vive apenas 'no' tempo, mas que é tempo, tempo não cronológico"



(1996, p.82); pois a história do homem se forma por um fluxo de momentos nos quais, alguns podem ser neutros e outros podem ser interligados com fatos anteriores; assim, em instantes, é comum que nossa consciência possa envolver o presente e o passado e os dados destes dois, juntos conceberem o futuro.

Segundo este crítico, vários romances contemporâneos tratam a memória não somente como tema, mas também na representação de sua própria estrutura, com a contraposição entre o tempo cronológico e o psicológico. Para exemplificar a relação desses tempos, ele cita que no romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, nota-se a alternância entre o passado e o futuro; em meio a esta alternância, ocorre o monólogo intimista da personagem, que dá indícios para o estado angustiante que provoca efeitos parecidos com o da experiência de um pesadelo. Esse estado aflitivo provocado pelo monólogo, de algum modo, assemelha-se com a experiência sofrida por André, narrador-personagem do romance *Lavoura Arcaica* que, por meio de elementos memorialísticos, vivencia momentos angustiantes.

Mas as referências memorialísticas no romance de Nassar não são demonstradas somente por uma ou outra rememoração que o narrador-personagem faz para relatar suas discordâncias com o que ocorria dentro de casa. A memória está na própria composição estética da obra; todo o romance é construído por alternâncias de capítulos que denotam o tempo da enunciação (presente) e o tempo da rememoração (passado). Ou seja, "A voz de André, faz-se ouvir em diversos níveis" (RODRIGUES, 2006, p. 60). Mas cumpre enfatizarmos que esses capítulos não são estritamente separados entre aqueles e que há rememorações e outros em que não há assim, mesmo nos capítulos do tempo da enunciação, a memória também se faz muito recorrente. A respeito dessa alternância entre o tempo da rememoração e do da enunciação, de acordo com Rodrigues:

[...] as linhas divisórias entre esses dois níveis estão quase sempre como que envoltas em sombras, pois na verdade eles se misturam e em mais de uma ocasião não temos como saber efetivamente se estamos diante de uma reminiscência que pertence ao que chamei tempo da rememoração, se ela também passa para o tempo da ação (isto é, se é revelada a outro personagem, transformada assim em



discurso direto, embora sem as marcas que o caracterizam) ou se ela teria surgido apenas no momento da narração (2006, p. 60-61).

Nos tipos de narrativas em que ocorrem alternâncias deste tipo, o leitor, precisa focar sua atenção para as experiências vividas pelas personagens; caso contrário, a alternância, que sem demarcação dos tempos, passado, presente e futuro, poderá

dificultar a compreensão da obra; por outro lado, essas mesmas trocas de tempos causam elementos introspectivos que causam densa conexão entre a narrativa e leitor, haja vista que o que acontece no momento da enunciação e os fatos próprios do fluxo de consciência abarcam várias pessoas, objetos e experiências vividas. "A narração torna-se assim padrão plano em cujas linhas se funde, como simultaneamente, a distinção temporal" (ROSENFELD, 1996, p.83). Contudo, ainda para Rosenfeld, o gênero romance não dispõe do retrocesso que ocorre nos filmes, como o flash back, no qual o passado é recuperado apenas como coisa recordada. Tal recuso é evidenciado, por exemplo, em *Hiroshima, meu amor*, de Resnais e em *Ano passado*, de Marienbad, filmes em que o recuo e o avanço espaço-temporal são marcas latentes.

Quanto a reconstituição da história por meio da memória, compreendemos que o próprio termo já nos indica para a relação entre experiências que fazem parte do inconsciente e acontecimentos que ocorreram em um momento anterior. Para fatos que respaldam que a memória diz muito sobre nós mesmo enquanto sujeito, pois, por meio dela, o homem pode ao mesmo tempo reforçar, construir ou desconstruir o que se sabe sobre determinado um acontecimento. Sendo que existem diversos tipos de memória, como a memória individual, a memória coletiva, a memória histórica; cada uma destes tipos possibilita, um refazer e um perpetuar de componentes culturais (HALBCHWAS, 1990). Todavia, mesmo com a variedade das memórias, neste estudo, nossa atenção se voltará para memória individual e coletiva; haja vista que o romance *Lavoura Arcaica* não traz nenhuma demarcação do tempo histórico. Na análise a que nos propomos a memória histórica se refere unicamente aos costumes que são perpetuados de uma geração a outra e que, portanto, formam a história da família.



Sobre a memória individual, Halbwachs (1990) enfatiza que para ratificar fatos do passado, podemos associar nossas lembranças com as de outras pessoas; contudo, sabemos é habitual que o relato de um mesmo acontecimento pode apresentar pontos de vista diferentes, pois no desenrolar dos fatos, comumente a atenção de cada pessoa pode se voltar para pessoas ou objetos diferentes. Desse modo, o foco na busca desses relatos não deve ser para o que há em desacordo entre um e outro, mas para aquilo que os aproximam. A lembrança de um indivíduo quando somada com a de um outro ajuda na reconstrução dos fatos a ponto de torná-lo inteligível por qualquer um dos que estiveram envolvidos naquele momento, caso este seja o enfoque desejável (HALBCHWAS, 1990).

Muitas lembranças surgem por conta dos relatos dos outros, mas isso não implica em dizer que a memória só se refira a acontecimentos que, de fato foram vivenciados. A memória não está restrita à presença dos acontecimentos; o estudo da história da humanidade é um exemplo em que isso se comprova; muitos dos acontecimentos tidos como de suma relevância para a humanidade; que ainda hoje são tidos de tal forma, não foram meramente presenciados por muitos, mas por terem servidos e tidos por relevância, por algum aspecto em específico o fez deixar seu registro e a memória como sendo um destes; pois quando estes fatos são recorrentemente lembrados, eles passam a compor elementos que podem construir a identidade da sociedade (HALBCHWAS, 1990).

Portanto, não temos como deixar de supor que a memória individual e coletiva, estejam relacionadas. Para o autor, podemos falar de memória coletiva quando lembramos um acontecimento ocorrido, por exemplo, em uma época anterior e as lembranças dessa época conservam o elo de pertencimento, pois ao mesmo tempo em que a memória registra as experiências vividas em grupo, as individuais também são registradas. “Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar algum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar” (NORA, apud VIEIRA, p. 3).

O sociólogo francês reafirma que as lembranças ressurgem numa relação dos aspectos individuais com a coletividade;



assim esses dois tipos de memória não podem ser vistos como dissociados. Nessa combinação, ele afirma que raramente encontramos lembranças que nos conduza “a um momento em que nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam” (HALBCHWAS, 1990, p.25). As lembranças, desse modo, representam impressões que proporcionam formar uma entidade social. Para Durkheim (*apud* POLLAK, 1989), os acontecimentos vividos em sociedade podem ser vistos por ângulos diferentes, desse modo, podem servir como indicadores empíricos da memória coletiva de um grupo; dependendo da composição da memória, ao mesmo tempo, ela pode definir o que há de comum e o que há de diferente entre grupo.

219

Sob o viés durkheimiano, “a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade” (POLLAK, 1989, p.3), o que difere do posicionamento de Halbwachs que, no trato com a memória, não sugere que a memória coletiva seja impositiva. Ele destaca que as funções positivas propostas a partir do que há de comum nas memórias, fomentam a sociabilidade, e isso, direta ou indiretamente, indicam para a adesão ao grupo. Desse modo, quanto mais os acontecimentos forem rememorados e as convivências forem trocadas, mais elas estarão próximas pela memória. Como exemplo dessa aproximação por meio da memória, temos o caso do possível início de interação e da conservação da relação de um grupo de pessoas com outros grupos que talvez possuam características diferentes.

Na relação destes grupos, podem existir contatos que se harmonizam, mas junto com estes, também há aqueles nos quais algumas informações não se assemelham; mas, ainda que a história ou pelo menos parte dela não dialogue com o posicionamento da maioria que formam o grupo, elas podem agregar ou explicar dados que possivelmente sejam úteis. A respeito das relações do grupo, para Halbwachs:

Por vezes, essas relações ou esses contatos são permanentes ou então, em todo caso, se repetem muito frequentemente, se prolongam durante uma duração bastante longa. Por exemplo, quando uma família viveu durante muito tempo numa mesma

cidade, ou na proximidade dos mesmos amigos; cidade e família, amigos e família constituem como que sociedades complexas. Então nascem as lembranças, compreendidas em dois quadros de pensamentos que são comuns aos membros dos dois grupos. Para reconhecer uma lembrança desse gênero, é preciso fazer parte ao mesmo tempo de um e de outro. É uma condição que é preenchida, durante algum tempo, por uma parte dos habitantes da cidade, por uma parte dos membros da família" (1990, p. 30).



Assim, depreende-se que a memória provavelmente reforça os elos de época diferentes. Pollak (1989), por sua vez, já nos traz outro entendimento, para ele, a rememoração do que se quer conservar do passado, integra-se em tentativas intencionais ou não de reforçar sentimentos de afinidades sociais entre grupos como, por exemplo, nos partidos políticos, nos sindicatos, nas famílias, nas igrejas etc. Nesse sentido, podemos inferir que a rememoração do passado contribui para manter a vinculação entre os grupos e entre as instituições que formam a sociedade.

A memória, mantém o inter-relacionamento social e além disso, propõe a difusão do que o grupo divide socialmente. Além disso, ela ajuda na manutenção de identidades em comum, haja vista por exemplo, que a conduta de uma geração muito comumente influencia outra. Algo semelhante ocorre com o que Pollak (1989, p.9) associa a "fornecer um quadro de referências" e de pontos de referência; para este autor, todo trabalho de memória de grupo tem um ponto limite, pois a memória, não pode ser construída arbitrariamente; ela necessita satisfazer certa exigência de justificação. Desse modo, o enquadramento da memória se constituiria como um alimento que é proporcionado pelo contexto histórico:

Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (POLLAK, 1989, p,8).

Assim, a subjetividade individual também dá sentido à memória do grupo, do mesmo modo que a segunda ressignifica a primeira. No envolvimento entre a memória individual com a memória coletiva, temos que o enquadramento pode ser verificado em vários objetos e bens materiais que compõem os círculos sociais, como os monumentos, museus,



bibliotecas etc. (POLLAK,1989), ou seja, a memória é conservada em diversos suportes além do pensamento.

O contato com esses pontos de referências, quando bem próximos suscitam sentimentos de origem e filiação. Nas palavras de Pollak (1989, p. 9) as memórias coletivas, “funcionam como ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade”. Visto por este ângulo, e pela visão apresentada por Halbwachs, podemos reafirmar que a memória ajuda para e com a nossa constituição de dados que compõem a história dos indivíduos e com isso, reforça e faz tão presente aquilo que o tempo cronológico pode ter como distante.

## ELEMENTOS MEMORIALÍSTICOS NO ROMANCE

*Lavoura Arcaica*, romance de Raduan Nassar, narra a história de uma família tradicional de libaneses. Mas André, o filho arreado, demonstra elementos que são contrários ao tradicionalismo. Contudo, no tempo em que vivia com a família, a revolta ocorre de forma velada, haja vista que nessa etapa da vida, ele não consegue demonstrá-la; quando não consegue suportar o rigor da tradição acionada por Iohána e junto a isso, a inviabilidade de manter o relacionamento incestuoso com a irmã Ana, ele opta pelo exílio.

O romance é composto por trinta capítulos; dividido em duas partes: A partida composta por vinte e um, O retorno, com nove. Todo o enredo da narrativa é construído por elementos memorialísticos; o romance já se inicia com o filho arreado vivendo longe de casa e ele, o narrador-personagem, expõe por meio do fluxo de consciência fatos do tempo em que residia com a família para Pedro, o irmão mais velho que resolve ir buscá-lo. Há abordagem sobre a memória coletiva/histórica, mas os elementos coletivos e históricos se restringem à família, ao ser evidenciada pelo modo tradicionalista com que Iohána perpassa os ensinamentos, exerce o trabalho na lavoura; comportamentos estes, que muito provavelmente foram dispostos em gerações que antecederam a sua e de seus filhos;



Conforme o que Halbchwas explana, a memória serve para manter e fortalecer os laços sociais e, por assim dizer, os costumes, os valores, em suma, os elementos socioculturais. Entretanto, como o direcionamento de André se volta para o que há de contrário quanto aos elementos tidos como valorativos pela tradição, podemos perceber que a ideia de memória representa uma dualidade, ao estar relacionada tanto ao caráter individual quanto ao caráter coletivo. A fim de exemplificar como essa dualidade se aplica, (RICOUER, 2007) explica que a individualidade da memória seria representada pela 'tradição do olhar interior', e 'o olhar exterior', como o olhar da alteridade.

Segundo a abordagem feita por Borges em seu ensaio intitulado *A colheita impossível: breve estudo sobre a memória em Raduan Nassar e Herberto Helder* (2008), André desconhece possibilidade de se encontrar com suas origens, que, embora remota, é sustentada pela memória arcaica do pai que se mantêm no presente. O que, portanto, se aproxima com o olhar exterior proposto por Ricouer. A tentativa de reconstituição desse passado no discurso do narrador reelabora a reinterpretação subjetiva que faz brotar a discordâncias entre o grupo. Como o ponto de vista apresentado na narrativa é o do narrador-personagem, outras possíveis observações e pontos de vistas podem ser inviabilizados. No "narrador-protagonista, portanto, encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções" (FRIEDMAN, 2002, p. 177).

O posicionamento de André, representa a fragmentação das normas que vigoravam entre os familiares. Consoante a essa cisão, Thompson em *A voz do passado - história oral* (1992), corrobora que a recuperação da memória e da consciência apresenta diferença entre a memória pessoal e a da tradição oral, que é própria de outras gerações. Quanto a isso, a memória pessoal se encarregaria dos elementos que são introspectivos; as tradições orais seriam modeláveis pela memória coletiva e pelas mudanças ocorridas nas estruturas da sociedade. Mas a tradição que Iohána traz em suas falas diárias, difere do que este Thompson explicita, pois ao invés de os aspectos da tradição serem modeláveis, na família de Iohána, eles



precisavam ser seguidos à risca por todos os membros da família.

Dessa forma, o posicionamento de Thompson se aproxima do intimismo representado pela memória de André, através dela conhecemos as profundezas de seu personagem. De modo similar, Rosenfeld (1973), discorre que a narrativa que apresenta elementos intimistas do narrador, produz a visão ampliada da vida psíquica e subjetiva, na qual pode caracterizar ao personagem profunda subjetividade e fragmentação, tal como ocorre com André. Assim, podemos perceber que além do aprimoramento dos laços de convivência e permanência de elementos socioculturais, a memória também pode provocar revolta. Entretanto, ainda que André repudiasse os juízos de valores sustentados pelo pai, André aguarda o momento oportuno para fazer a revelação do que seria o cerceamento da família.

### **Imagens da memória: o olhar de André sobre si e sobre os membros da família**

223

A chegada do irmão mais velho à pensão provoca em André a sensação de estar dentro da casa da família; a presença de Pedro, o faz rememorar a presença do pai, de sua austeridade, do modo dele organizar o ambiente em que a família vivia. A presença de Pedro era semelhante à do pai. Assim, após o abraço trocado entre eles, André sente o peso de toda a família; depois desse abraço, eles têm uma tensa conversa que causa em ambos o estado conflituoso, por conta das revelações que são feitas por André.

Durante a conversa André relembra de si mesmo, quando criança, do pai, da mãe, dos irmãos, de como era a convivência com a família, dos costumes, do trabalho diário na fazenda. A confusão de tudo o que se passava em sua cabeça faz brotar a sensação de um estado psíquico pavoroso logo no início da conversa, haja vista que André sente receio em expor a sua revolta sobre o cerceamento que segundo ele era vivenciado na família. Neste momento, assim como em toda a narrativa, vem-lhe à memória a conduta ríspida do pai. Ele relembra que todos eles sempre ouviam pelas palavras do pai "que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso" (NASSAR, 1989,



p. 7-8). André tinha consciência que seu tormento e comportamento era de um convulso e que a presença de Pedro no quarto em que habitava tinha por base restaurar a tradição familiar que havia sido ensinada diariamente em todas as refeições da família, mas que ele, o convulso, havia degenerado ao sair de casa. Por isso, a missão do primogênito era reestabelecer a ordem perdida ao convencer o filho pródigo a voltar para casa. Assim, após as duas primeiras advertências sobre a bagunça do quarto e o corpo despido de André, Pedro, no intento de convencê-lo a voltar para casa, demonstra os benefícios da convivência em família, do amor de todos por ele e do sofrimento que a sua fuga causou em todos da família, sobretudo, na Mãe e em Ana.

Mas para André, se a Mãe lhe causava aconchego, o pai, representava repulsa, desta forma segundo ele, enquanto “o pai, no seu gesto austero, quis fazer da casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição” (NASSAR, 1989, p. 136). Os galhos de afetividade do pai e da mãe eram absolutamente contrários e definiam bem a divisão da família; como nos lugares à mesa: o galho da direita, que era representado pelo pai, desde as suas raízes trazia o desenvolvimento natural da ordem no tronco.

O galho da esquerda, que era iniciado pela mãe, trazia a mácula como cicatriz; desta forma, a distribuição dos lugares na mesa, revela os dois galhos que só o tempo se encarregaria de mostrar sua forma. Para André, a deformação do galho originado da Mãe foi uma das principais causas do seu exílio. Pois o transbordamento de afeto dado pela Mãe a André, contribuiu para com a erotização mal direcionada dentro de casa. O amor fraterno estendeu-se para o amor erótico dele por Ana.

Por isso, pensa que poderia dizer muita coisa a Mãe antes de sair de casa “[...] Eu e a senhora começamos a demolir a casa, seria agora o momento de atirar com todos os pratos e moscas pela janela” (NASSAR, 1989, p. 51-52), mas achou melhor não dizer a ela qualquer coisa. Enquanto tantas coisas se passavam na mente de André, Pedro seguia com a sua fala; nela, além de

apontar os benefícios do convívio no seio familiar, ele também procura demonstrar a dimensão da imaturidade do irmão em



abandoná-los. Mas, no intuito de se mostrar compreensível e assim convencê-lo a retornar, Pedro até diz que o abandono da casa, poderia ser considerado normal; como algo que frequentemente se passa na cabeça de jovens; mas que algo mais importante que isso, era que André não esquecesse dos laços

afetivos que o ligavam à família, e para isso, era necessário que André restabelecesse em si a responsabilidade que cabia a cada um dos membros da família. Pedro enfatiza tal qual o pai que, para manter a casa erguida, era necessário o fortalecimento do sentimento do dever de todos ao participar do trabalho na família e assim, abastecer de frutos à mesa. Este dever e alimento, podem ser compreendidos não somente ao trabalho na lavoura para obter o sustento diário. Pelas circunstâncias, ele também poderia ser interpretado as boas práticas na convivência familiar, ou seja, ao processo que germinaria e proporcionaria bons frutos na relação entre os entes da família.

225

O cultivo dos costumes na família vinha de outras gerações; “carregamos sempre conosco, profundamente arraigadas em nosso ser, características herdadas do meio em que nascemos, qualquer que seja o modo pelo qual elas nos tenham sido transmitidas, biológica ou culturalmente” (RODRIGUES, 2006, p. 97). Desse modo, na primeira geração da família em que o romance faz menção, é o avô, quem conduz a família; ainda que morto, era dele que vinham as raízes que alimentavam os verbos limpos do pensamento que configuravam os preceitos e regulamentos que todos da família deveriam seguir. O modo pelo qual a sua conduta refletia sobre os outros era marcante que André o rememora, meio como que uma dedicação:

Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuo do pai- em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote toco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: “Maktub”) (NASSAR, 2012, p. 89).

A rememoração de André sobre o avô dialoga com os elementos memorialistas apresentados por Halbwachs (1990), no qual mesmo que alguns entes familiares não estejam presentes fisicamente, suas lembranças reaparecem porque sua memória é

rememorada por outras pessoas, pois, a criança mantém contato com seus avós, através, de histórias do passado, ainda que ela talvez possa ser desconhecida ou não lembrada com facilidade.



Quando ainda se fazem presentes, os avós se aproximam das crianças, porque, dentre diversas razões, tanto um quanto o outro se desinteressam pelos acontecimentos que lhes são contemporâneos; os avós podem encontrar nos netos, curiosidades sobre fatos ou costumes antigos que podem ou não perdurar na atualidade. Para Halbwachs é destes mais antigos "e mais do que de seus familiares mais próximos, que as crianças recebem o legado dos costumes e das tradições de toda a espécie" (HALBWACHS, 1990, p.44).

Nessa mesma perspectiva, temos a ideia apresentada por Nora:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (1933, p. 9)

226

Como prova de que a memória torna vivo os costumes e tradições do passado, a segunda geração apresentada na narrativa, Iohána mantém o *status quo* da família que vinha do seio ancestral, pois seu discurso, revestido de ensinamentos provenientes de textos sagrados e clássicos, herdados dos ensinamentos de seu pai, e do avô de André. Isso, portanto, ressalta a importância da herança cultural que havia lhe sido transmitida e que ele, como guia da família queria que continuasse a ser perpetuada de pai para filho. Sendo assim, "na doçura da velhice está a sabedoria, e, nesta mesa, na cadeira vazia da outra cabeceira, está o exemplo: é na memória do avô que dormem nossas raízes, no ancião que se alimentava de água e sal para nos prover de um verbo limpo" (NASSAR, 1989, p. 58).

À luz do posicionamento de Halbwachs, lembranças pessoais se misturam por conta das múltiplas que fazem parte nossa existência social; "somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um

ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais" (HALBWACHS, 2004,



p.14). Desse modo, “se entendemos que conhecemos nossa memória pessoal somente do interior, e a memória coletiva do exterior, haverá com efeito entre uma e outra um vivo contraste” (HALBWACHS, 1990, p. 37). Pois, segundo o sociólogo, estes dois tipos de memória são indissociáveis.

De modo contrário a André, Pedro consegue fazer a correspondência da memória individual e coletiva, o ensinamento dado pelo pai a ele em específico, já o preparava para o andamento do ciclo familiar; a busca de André representa a primeira etapa no preparo dessa missão de futuramente ocupar o lugar de seu Iohána, quando este já não se fizesse presente. Para Fischer (1991), as três gerações em lavoura Arcaica se representam da seguinte forma: a primeira tem uma representação moral tão estabilizada que seria perpetuada pela memória. Fortemente simbolizada e representada pelo avô. A segunda geração seria estruturada pela conservação da primeira, por isso, a autoridade e imposição do patriarca. E a terceira que se divide entre os irmãos, Pedro, Huda, Rosa e Zuleica, que legitimam a continuidade das duas gerações anteriores, e os outros três, André, Ana e Lula, e junto a estes últimos também se soma a Mãe, que representam o lado esquerdo da família, e que rompem o ciclo dos padrões e normas que foram estabelecidos pelas gerações anteriores.

Nas palavras de Halbwachs:

A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. Se não fosse assim, teríamos nós o direito de falar em memória, e que serviço poderiam nos prestar quadros que subsistiriam apenas em estado de informações históricas, impessoais e despojadas? Os grupos, no seio dos quais outrora se elaboraram concepções e um espírito que reinara algum tempo sobre toda sociedade, recuam logo e deixam lugar para outros, que seguram, por sua vez, durante certo período, o cetro dos costumes e que modificam a opinião segundo novos modelos (1990, p.45).

Sob esta percepção, o teórico nos indica que memória individual é um desdobramento da memória coletiva; entretanto, por mais que a memória coletiva sirva de embasamento para o momento atual, quanto aos valores, normas que constroem a identidade dos sujeitos, compreendemos que os discernimentos sobre a memória



coletiva não são em sua plenitude vistos como processos homogêneos e harmônicos. Ou seja, os preceitos ainda que perpassados pela memória coletiva/histórica podem mudar de acordo com a variação das gerações. “O mundo muda, os membros também mudam, mas os valores da família e a hierarquia continuam os mesmos, agora inadequados” (RODRIGUES, 2006, p.55).

A despeito dessa variação entre uma geração e outra, Hall (2002) argumenta que ao romper com as velhas identidades, que serviram de base para a formação e unificação do sujeito, temos uma crise daquilo que serviu para com a estabilidade social. Pois, as formas de agir do homem moderno, provocam as rupturas e deslocamentos de crenças em determinados valores religiosos, políticos, de gênero, classe social etc. No dizer do Halbwachs, à medida que o indivíduo cresce, e sobretudo ao se tornar adulto, ele participa de modo mais distinto e refletido da vida e dos pensamentos desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente sem perceber isso. “[...] A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções em épocas anteriores [...]” (HALBWACHS, 1990, p.48). Nas palavras de Georges Balandier, “o culto dos antepassados contribui para a perenidade das relações sociais que nele se decalam” (1976, p. 192). Na conversa com André, Pedro fala das dificuldades da vida em que cada um está sujeito. Nesse momento da conversa, André pensa em revelar ao irmão que a desunião a que ele se referia havia começado muito antes do que ele poderia imaginar. “[...] A nossa desunião começou muito mais cedo do que você pensa, foi no tempo em que a fé me crescia virulenta na infância e em que eu era mais fervoroso que qualquer outro em casa [...]”. (NASSAR, p, 16-17). Nesse momento de sua lembrança, ele expõe a sua fúria:

Era ele sempre dizendo coisas assim na sua sintaxe própria, dura e enrijecida pelo sol e pela chuva, era esse lavrador fibroso catando da terra a pedra amorfa que ele não sabia tão modelável nas mãos de cada um; era assim, Pedro, tinha corredores confusos a nossa casa, mas era assim que ele queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário, mas alguma vez te ocorreu? Alguma vez te passou pela cabeça, um instante curto que fosse suspender o tampo do cesto de roupas no banheiro? (NASSAR,1989, p. 32).



Ainda, nessa perspectiva sobre o posicionamento do pai, no estudo feito por Lima e Silva (1993) sobre *Lavoura Arcaica*, aponta que o patriarca da família, ao proferir diariamente seus discursos antes das refeições faz uso daquilo que Barthes denominou em *O prazer do texto, de memória circular* a referência de um original, de um pré-texto na fala para repassar as instruções, e com estas obter o que foi intencionado; através deste exercício, o pai evoca e mantém a tradição.

O choque provocado pela fúria de André emudece Pedro; mas André, continua a lembrar que era o pai era como um lavrador fibroso catado da terra a pedra amorfa. Que era o pai à cabeceira da mesa que sempre abria a brochura que trazia os textos histórias com: "Era uma vez um faminto". Esse era o texto no qual ele pregava que a paciência era a maior das qualidades do homem. Mas, para André a impaciência também tinha as suas.

No retorno à casa, ao receber o filho, Iohána e André tem uma conversa e durante esta André novamente lembra a trajetória de sua vida com a família e faz uso de metáforas para expor suas inquietudes, mas o pai, não compreendia do que exatamente o filho se queixava. Até o momento em que André torna seu discurso mais claro; momento em que Iohána o diz que naquela mesa não havia lugar para comportamentos desviantes; portanto, caberia a André deixar a vaidade de lado e responder como um bom filho responderia ao pai. Em resposta ao pai, André ainda tenta continuar com o discurso de que a impaciência também tinha os seus direitos, mas possesso, o patriarca ordena para que ele se calasse pois, o seu discurso destoava de tudo o que ele e as gerações anteriores havia levado anos para construir; segundo o pai "ninguém em nossa casa há de padecer também de um suposto e pretensioso excesso de luz, capaz como a escuridão de nos cegar; ninguém ainda em nossa casa há de dar um curso novo ao que não pode desviar [...] (NASSAR p. 138) .

André, consciente de que jamais poderia mudar as concepções que o pai empregava e também por seu grau de confusão, pede perdão e diz que voltava para casa não com o coração cheio de orgulho como o pai pensava, mas humilde e submisso. "Não tenho mais ilusões, eu já sei o que é solidão. [...]. E sei também agora que não devia ter me afastado um passo se quer da nossa porta." (NASSAR, 1989, p. 140). E,

no último capítulo do romance o narrador-personagem faz uma homenagem ao pai:

(Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras: "e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço.") (NASSAR, p. 161).



Desse modo, podemos subentender que, mesmo com a troca de pontos de vistas um tanto contrários durante a conversa tida em seu retorno, uma possível leitura que podemos fazer é a de que André encontrou o equilíbrio nas suas ideias e aprendeu a respeitar a incansável lavoura de Iohána atestada pelo tempo.

230

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos demonstrar como, alguns elementos que caracterizam a base da família no romance *Lavoura Arcaica* são fortalecidos e ao mesmo tempo desconstruídos, a partir do uso que André, o narrador-personagem faz a memória para compor a trama. Foi possível perceber, conforme Halbchwas aponta que os elos da memória podem fortalecer a relação entre grupos de pessoas, tendo em vista que as trocas de informações de fatos passados, mesmo quando não facilmente rememorados por todos podem ajudar na manutenção do relacionamento existente ente as pessoas que fizeram e parte desses grupos.

Além disso, foi evidenciado que mesmo que não vivenciados, muitos acontecimentos, quando recorridos pela memória passam a se fazerem presentes e assim, podem ser considerados elementos que podem influenciar os comportamentos de pessoas no momento atual. A partir dos

posicionamentos críticos e teóricos, compreendemos que a história da humanidade não é formada somente pelas



escolhas e ações contemporâneas, mas por uma interligação com os momentos anteriores. Para melhor exemplificar essa relação, temos que em nosso meio social existem pessoas de diferentes gerações. Essa diferenciação, favorece a troca de experiências, que fortalece os laços de pertencimento a um grupo e que, de modo intencional ou não, influencia os comportamentos dos envolvidos. Assim, temos que a Memória engloba passado, presente e muito possivelmente favorece o futuro.

Na análise deste trabalho, percebemos que a obra *Lavoura Arcaica* é fortemente caracterizada pelas imagens da memória, o pai, faz um resgate do que vivenciou na geração com o seu pai; pois ele tenta manter em sua família rigidez e tradicionalismo através dos princípios herdados. Mas, André, que o filho arredo e "moderno", rompe e nos demonstra também pelo uso que ele faz da memória.

## 231

### REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. *Antropo-lógicas*. Trad. De Oswaldo Elias Xidieh. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1976.

BORGES, Anderson. *A colheita impossível: breve estudo sobre a memória em Raduan Nassar e Herberto Helder*. In. *A produção literária de Raduan Nassar*. Org. Sedlmayer, Sabrina. Belo Horizonte FALE/UFMG 2008.

FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção, o desenvolvimento de um conceito crítico*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Revista USP. São Paulo, 2002

FISCHER, Luís Augusto. *Lavoura arcaica foi ontem*. *Organon*, Porto Alegre, n. 17, p. 1426, 1991. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39101>>. Acesso em 15 de jun. 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Lauret Léon Schaffter. São Paulo. Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

LIMA, Mirella Márcia Longo Vieira; SILVA, Danilo Sales de Queiroz; *DISJUNÇÃO PARENTAL: intertexto com a Bíblia nos romances Lavoura Arcaica e o Evangelho Segundo Jesus Cristo*. UFRJ, 1993. *Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 11, p. 127-138, dez. 2012.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NORA, P. 1993. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODRIGUES, André Luís. *Ritos da paixão em Lavoura Arcaica*. São Paulo: USP, 2006.

ROSENFELD, Anatol. 1973. Reflexões sobre o romance moderno. In.\_\_\_\_\_. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, pp.75-97.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, ITALA MADUELL. *A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak. "História, memória e ética: perspectivas transdisciplinares" do XI Encontro Regional Sudeste de História Oral*. (Disponível em [http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701\\_ARQUIVO\\_Memoria\\_Italia\\_maduell.pdf](http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Italia_maduell.pdf)).



Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2021.

### TRADITION AND RUPTURE: LINKS OF MEMORY

**ABSTRACT:** This work aims to analyze how tradition and its rupture are characterized under the links of André's memory in the novel *Lavoura Arcaica* (1975), by Raduan Nassar. In this work, memory is present from the beginning to the end; through it the opposite sides (tradition and modernity) in the plot of the novel are revealed; we also highlight that, by recalling the grandfather's generation, certain customs, norms and values that characterize the basis of the family structure are highlighted; elements that, in turn, are devalued by André. For the development of this work, which is

configured in the bibliographic research methodology, we will use, among others, the theoretical notes of Maurice Halbwachs



(1900), and Michael Pollak (1989), which provide subsidies that memory has elements that reinforce or deconstruct facts from previous seasons; in addition to these, with regard to aspects for the analysis of the novel, we bring the contributions of Anatol Rosenfeld (1973) and Norman Friedman (2002). Thus, from this study, we could see that memory contributes to and for the formation of the history of society, especially because it is able to relate past, present and future. The memory, therefore, fosters that for each one denotes significant charges.

**Keywords:** Archaic Tillage. Tradition. Break. Memory.